

Um Brasil, o de Darcy

LUX VIDAL 

Universidade de São Paulo | São Paulo, SP, Brasil

luxvidal@usp.br

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v32i1pe210371

Já se escreveu muito sobre Darcy Ribeiro, celebrando a data de seu nascimento, há 100 anos. Parece tão longe, mas não é, é como se fosse ontem para mim.

Escrevi bastante sobre Darcy, especialmente em colaboração com Henyo T. Barretto Filho, da Universidade de Brasília, sendo “O útero do Brasil” (1997) e “O elo perdido” (1996) os principais textos. Há também um pequeno texto que não me lembro onde foi publicado, intitulado “Darcy Ribeiro era uma pessoa diferenciada entre os antropólogos brasileiros”. Nestes artigos tratávamos essencialmente do interesse da publicação de “Diários Índios” (1996), uma reprodução de anotações, na década de 1950, sobre os Urubu Kaapor, feito sob forma de cartas escritas a Berta, sua Penélope, que havia ficado no Rio de Janeiro e que datilografou os oito cadernos.

Berta Ribeiro era minha amiga de longa data, tínhamos muitos interesses e trabalhos conjuntos. Eu sempre ficava na casa dela quando viajava para o Rio. Ela tinha um apartamento muito acolhedor em Copacabana e, em cima da mesa, estava sempre a máquina de escrever, onde realizou muitos trabalhos em colaboração com o Darcy. Ela fez muitas pesquisas com ele – pesquisava, batia a máquina, juntava a bibliografia, fazia as notas... de fato um grande trabalho. Uma das últimas vezes que eu vi a Berta foi em Belém. Naquela época, quando viajávamos para Belém, ficávamos no Museu Emilio Goeldi, onde tinha um alojamento para os pesquisadores. Nesta ocasião, nós duas compartilhamos o mesmo quarto. Conversamos muito e comentamos que nós éramos as duas antropólogas com mais de 70 anos que ainda faziam campo. Na época, eu ia para o Oiapoque e ela ia, mais uma vez, para o Alto Rio Negro.

Quanto ao Darcy, eu o conhecia bem, ele sempre foi muito gentil comigo, nós nos dávamos muito bem. Também nunca deixava de visitá-lo quando ia para o Rio. Certa ocasião, participamos de uma exposição chamada “Exposição de Pintura e Adornos dos Índios Brasileiros”, com curadoria de Romana Maria Costa¹. A exposição, inaugurada em 1986, aconteceu na Galeria Espaço Alternativo - Instituto Nacional de Artes Plásticas FUNARTE, no Rio de Janeiro, e tratava das pinturas corporais indígenas especialmente a partir dos acervos de Lévi-Strauss, Darcy Ribeiro e Lux Vidal. Foi realizado um vídeo sobre a exposição, onde falei principalmente sobre meio ambiente e Amazônia, mas achei que seria essencial também um depoimento do Darcy. Neste período, ele era vice-governador do Rio e trabalhava no conhecido Edifício Capanema. Havia na exposição

¹ Catálogo da exposição: FUNARTE. 1985. A arte e seus materiais; arte e corpo: pintura sobre a pele e adornos de povos indígenas brasileiros. Rio de Janeiro: FUNARTE, INAP.



um grande retrato da Anôã Kadiwéu, sua amiga e principal informante. Assim que Darcy concordou em nos receber, pegamos o retrato e o carregamos pelas ruas do Rio até o edifício, para que ele pudesse ver, para estimular a fala dele. Nós fomos a pé, com aquele retrato enorme, todo mundo olhando! Chegamos no Capanema e tiramos essa fotografia, eu e a outra pessoa que fazia a filmagem², antes de subir para falar com o Darcy.

© LUX VIDAL, 2023.



Figura 1. Lux Vidal e o retrato de Anôã Kadiwéu.

Darcy nos recebeu muito bem, contente, e falou durante horas sobre a arte indígena e as alegrias da criatividade que elas despertam. Segundo ele, “qualquer objeto é muito mais belo e perfeito do que seria necessário para cumprir suas funções de uso. Sua função efetiva é ser belo”. O que caracteriza a arte indígena é este modo generalizado de fazer todas as coisas com uma preocupação principal estética. Tudo isso está muito bem reproduzido no artigo “Arte Índia” (1987).

² Documentário “Arte e Corpo” (1986) de Piero Mancini e Solange Padilha. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WW5fBCIAJs0>.

Os antropólogos da geração de Darcy e, especialmente, da geração seguinte, se interessavam em estudar povos indígenas específicos, realizando trabalhos mais aprofundados. Darcy se interessava pelos povos indígenas como um todo, em suas transformações, iniciando, ao mesmo tempo, um trabalho indigenista teórico e político. Havia grande interesse pelo processo civilizatório, onde as diferenças culturais eram, para ele, uma riqueza e um traço específico do Brasil, país onde diferentes povos de diferentes culturas (índigenas e não-índigenas) eram responsáveis pela formação do Brasil. Para ele, todo o contexto humano era importante, isso era o Brasil.

Referências Bibliográficas

- BARRETO FILHO, Henyo T.; VIDAL, Lux. 1996. “O elo perdido (diários índios, de Darcy Ribeiro)”. *Anuário Antropológico*, 21, no. 1: 159–188. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6668>. Acesso em: 3 abr. 2023.
- FUNARTE. 1985. *A arte e seus materiais; arte e corpo: pintura sobre a pele e adornos de povos indígenas brasileiros*. Rio de Janeiro: FUNARTE, INAP.
- RIBEIRO, Darcy. 1996. *Diários índios: os Urubu-Kaapor*. São Paulo: Companhia das Letras.
- RIBEIRO, Darcy. 1987. “Arte Índia”. In: RIBEIRO, Darcy; RIBEIRO, Berta G. *Suma Etnológica Brasileira. Handbook of South American Indians*, v. 3, 29-64. Petrópolis: Vozes/FINEP.
- VIDAL, Lux; BARRETTO FILHO, Henyo T. 1997. “O Útero do Brasil”. *Folha de São Paulo, Caderno de Resenhas*.

sobre a autora

Lux Vidal

Professora emérita do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo.

Autoria: A autora é responsável pela sistematização e escrita do texto.

Financiamento: Não houve financiamento.

Recebido em 05/04/2023.

Aprovado para publicação em 06/04/2023.